

Sonhos e visões na hagiografia monástica e os painéis da igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro

Dreams and Visions in Monastic Hagiography and the Panels of Church of the Monastery of São Bento in Rio de Janeiro

D. MAURO MAIA FRAGOSO, OSB*

Resumo: Este artigo, como o título já indica, trata de quatorze hierofanias denominadas sonhos ou visões relacionados a treze monges de diferentes países europeus em torno da passagem do primeiro para o segundo milênio da era cristã. Além da importância dessas representações imagéticas para a manutenção da fé na comunidade local, o artigo ressalta também a importância da continuidade na transmissão da cultura de uma geração para outra, tendo em vista a preservação do entendimento das cenas e personalidades retratadas nos painéis inicialmente pintados por Frei Ricardo do Pilar na segunda metade do século XVII, mas que sofreram significativas intervenções entre os séculos XVIII e XXI. Uma das inquietações no tocante à identificação das imagens é o fato das mesmas passarem de uma comunidade a outra como um patrimônio material desprovido da transmissão imaterial entre as duas comunidades subsequentes.

Palavras-chave: Sonho. Pintura. Mosteiro. Hierofania. Espiritualidade. Hagiografia monástica.

Abstract: This article, as the title already indicates, deals with fourteen hierophanies evoked by dreams or visions related to thirteen monks from different European countries around the transition from the first to the second millennium of the Christian era. In addition to the importance of these image representations for maintaining faith in the local community,

* D. Mauro Maia Fragoso, OSB é monge do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro; Doutor em Geografia na linha de pesquisa Cultura e Natureza pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB-RJ). E-mail: maurofragoso@gmail.com

the article also highlights the importance of continuity in the transmission of culture from one generation to another, with a view to preserving the understanding of the scenes and personalities portrayed in the panels initially painted by Frei Ricardo do Pilar in the second half of the 17th century, but which underwent significant interventions between the 18th and 21st centuries. One of the concerns when it comes to identifying images is the fact that they pass from one community to another as material heritage devoid of intangible transmission between the two subsequent communities.

Keywords: Dream. Painting. Monastery. Hierophany. Spirituality. Monastic hagiography.

Apresentação

A fundação de um mosteiro, como acontece com diversos outros empreendimentos, não se realiza de uma hora para outra. Geralmente, ela é pensada e preparada no decurso de meses ou até mesmo durante anos. Assim aconteceu com a fundação do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro entre o final dos anos de 1580 e início de 1590, como se depreende do seu *Dietario* (p. 1). Simbolicamente, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1997) comparam a comunidade monástica à uma colmeia onde as abelhas com o zumbido de suas asas e o labor de seus lábios desempenham cuidadosamente diferentes tarefas, sucedendo-se umas às outras. Com efeito, assim é a trajetória de uma comunidade monástica, pois, com as mãos, os monges executam diferentes atividades no interior do claustro e, com os lábios, louvam a Deus dia e noite, revezando-se uns aos outros na edificação da *Casa de Deus* e no *Serviço da Escola do Senhor*, como preconiza a *Regra de São Bento*. Esta *Regra*, por sua vez, chegou à incipiente cidade do Rio de Janeiro pelas mãos de Frei Pedro Ferras e Frei João Porcalho, como se lê no referido *Dietario* (p. 3) e desde então, a comunidade monástica e a urbe viveram em simbiose, nem sempre perfeita, mas sem jamais interromper a participação mútua nos diversos segmentos de uma e de outra. Com efeito, os cenobitas fluminenses evangelizaram a população através das artes liberais, por vezes, patrocinadas pela sociedade local.

Indivíduos formadores de sociedade

Significativamente, o espaço da igreja destinado aos cristãos em geral é denominado nave, sendo comparada simbolicamente a uma embarcação que conduz os fiéis à Pátria celeste. Uma outra metáfora, bastante simbólica e mais

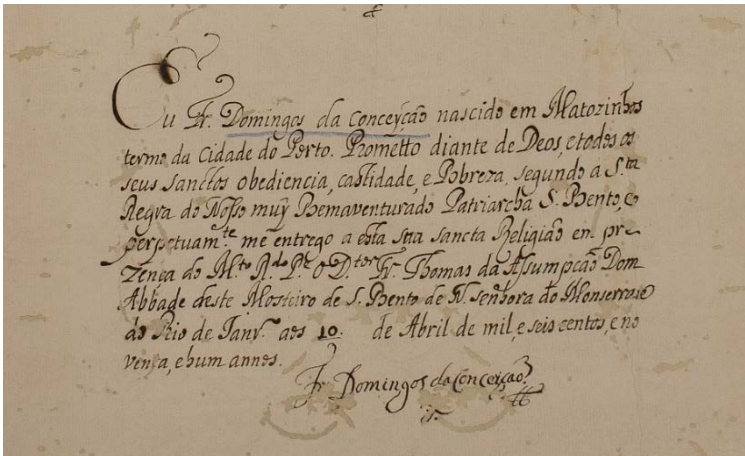
diretamente relacionada à comunidade em questão, foi a utilizada por Alceu Amoroso Lima no seu livro *Companheiro de viagem* (1971), onde compara a existência humana a uma embarcação coletiva que conduz seus itinerantes à eternidade. A vida comunitária pode ainda ser comparada a uma procissão formada por diversas pessoas que se dirigem ao cume de uma determinada celebração litúrgica em consonância com a vida celestial. E assim, os religiosos vão se sucedendo através dos séculos nas embarcações denominadas mosteiros.

Cartas de profissão religiosa e Necrológios

Cerca de 600 *Cartas de profissão religiosa*, pertencentes ao acervo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, dão testemunho da diversidade cultural de indivíduos que nele vêm atuando há 425 anos. Alguns, comprovadamente, professaram e faleceram, como se pode verificar através das respectivas *Cartas de profissão religiosa* e inscrições no rol dos falecidos sob o título de *Necrológio*, como é o caso de Frei Domingos da Conceição da Silva (*Carta de profissão religiosa* e *Necrológio* número 72) e Frei Ricardo do Pilar (*Carta de profissão*, 1965 e *Necrológio* número 42). Através de outros documentos comprova-se a atuação de religiosos professos no mesmo cenóbio e que, no entanto, suas respectivas *Cartas* estão desaparecidas, como a de Frei Bernardo de São Bento Correa de Sousa (*Necrológio* número 48) e de seus dois filhos, Frei José da Natividade Correa de Sousa e Frei Frutuoso da Conceição Correa de Sousa. Por outro lado, em relação a alguns religiosos, existem apenas as respectivas *Cartas* como comprovação de que professaram no Rio de Janeiro sem que haja qualquer outra informação a respeito desses religiosos, como é o caso de Frei Domingos de Santa Maria dos Anjos (*Carta de profissão monástica*, entre 1711-1713) e Frei Estevão do Loreto Joassar (*Carta de profissão monástica*, 1723). Além desses referidos religiosos, outros há que professaram em determinados mosteiros e, posteriormente, foram transferidos para a Abadia fluminense, como Frei Antônio de São Dâmaso (*Necrológio* número 40) e Frei Paulo da Conceição Ferreira de Andrade (*Necrológio* número 167). Por sua vez, outros há que atuaram temporariamente no Rio de Janeiro como Frei Gaspar da Madre de Deus Teixeira de Azevedo (*Necrológio* número 193).

As *Cartas de profissão religiosa* e *Necrológios* aqui expostos têm por objetivo apresentar os entrelaçamentos de vidas que, embora na maioria das vezes, não tendo sido contemporâneas e nem vivenciado simultaneamente o mesmo espaço físico, mesmo sucedendo-se umas às outras, estiveram unidas pelo mesmo objetivo espiritual, que é o encontro na vida eterna, como diz a *Regra de São Bento*. De fato, assim tem sido desde o início da divina Revelação

ao povo hebreu e continua sendo em diferentes espaços do orbe denominados mosteiros beneditinos. Simbolicamente, os cronistas e os *Necrológios* funcionam como a trama e a urdidura que garantem o entrelaçamento dos diversos fios de variados matizes, compondo distintas padronagens do tecido, segundo as diferentes épocas. Por outro lado, o *Necrológio* de Frei Antônio de São Dâmaso, único dentre vários, testemunha a continuidade de raras aparições da Virgem Maria não a todos os fiéis, mas particularmente a alguns em especial.



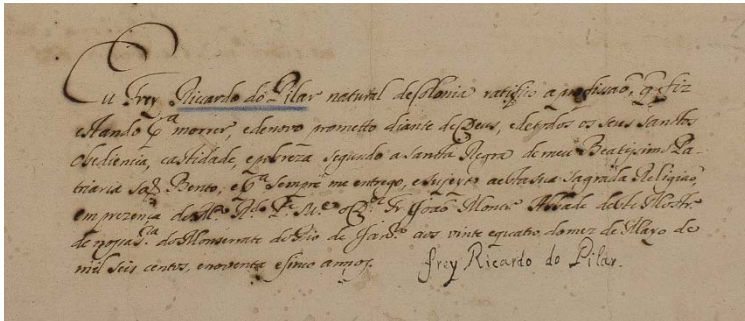
Carta de profissão religiosa de Frei Domingos da Conceição da Silva, 1691. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fotografia: Carlo De Luca.

Necrológio de Frei Domingos da Conceição da Silva

O septuagésimo segundo foi o Irmão Donato Frei Domingos da Conceição ou da Silva, nascido em Matozinhos. Este monge, para assegurar a sua salvação, antecipou as diligências do tempo; porque muito antes de entrar na Religião, já tinha renunciado o século, recolhendo-se neste Mosteiro onde passou alguns anos, empregando-se na escultura, em cuja arte foi singular, e deixou estátuas a seu nome levantadas, nas imagens, retábulo e demais obras da Capela-Mor e tribuna. Também fez a imagem de Cristo que há no Coro, e a de Santo Amaro na igreja. São obras deste singular artifice as duas imagens do Senhor Crucificado que no Mosteiro de Pernambuco estão colocadas: uma no altar de Nossa Senhora das Angústias e outra no da Sacristia, da qual se usa no Descimento da Cruz na sexta-feira maior. Vivia na clausura como se a professara, com sumo agrado e estima dos Monges, porque além de prudente, também era mui entendido; e naturalizando-

se a sua vida com a nossa Profissão, se resolveu a dar estado de matrimônio a uma filha que tivera sendo casado, para que mais expedito das obrigações do sangue empregasse o espírito nos exercícios de Religião. Tomou, com efeito, o santo hábito neste Mosteiro com quarenta e sete anos de idade, em 9 de abril de 1690, sendo Dom Abade o Doutor Frei Tomás da Assunção, e seu Mestre o Padre Frei Frutuoso da Conceição. Enquanto a disposição lhe permitiu, assistia com grande zelo e inteligência dispondo as Obras, que neste Mosteiro se continuavam. E para prevenir substituição na sua falta com a consideração de mortal, fez em madeira tudo o que vemos riscado na planta deste Mosteiro; onde como na casa do Sol ficou a excelência da Obra superando a vileza da matéria. Mas sendo então o abreviado Mosteiro singular prenda para a estimação, hoje pela sua falta, é viva memória para o sentimento; porque a mesma invasão dos franceses que no edifício deste Mosteiro demoliu a maior parte, o que estava em tão breve ponto, precisamente destruiu de todo. Sabia estimar o tempo para o não perder; repartindo-o com tal igualdade entre o espiritual e o caduco, que a nenhum permitia queixa; porque buscando primeiro a Deus, como aconselha Cristo, se empregava nas madrugadas em ouvir e ajudar as Missas, assistindo a Deus tão cedo, imitador de Davi. Dispondo logo o que nesse dia haviam de obrar os domésticos em seus ofícios, gastava o mais em obras da sua arte para o Mosteiro, querendo com esta ocupação estorvar os passos à ociosidade, que, como diz Salomão, é inimiga da alma. Neste seu emprego se deve o entalhamento com que cobriu o frontispício da Capela-Mor até à cornija em que principia o arco; ajuntando em uma mesma obra a duração e o primor com tanta perfeição que, se florescera este artista nos anos de Alexandre Magno, não fora somente Fídias o que conseguisse deste grande monarca, licença para o esculpir. Nos dias de quarta, depois de santificar as manhãs, gastava as tardes na Livraria, ou ocupando-se em lição de livros espirituais, ou divertindo o entendimento na aplicação da Cosmografia, pela inteligência que tinha dela; recreando-se em ver o mundo recopilado, senão em um raio do sol, como do nosso Santo Patriarca se escreve, ao menos em mapas como pode conseguir o trabalho e entendimento dos homens. Falto já de vistas e de forças, tratou de prevenir a sua morte, cuja brevidade pedia a Deus lhe concedesse por não molestar a seus irmãos com

o dilatado da doença. E tão desvelado a esperava, que suposto foi para ele apressada, para a sua expectação tardava. Conseguiu o que pedia Davi; porque o não chamou Deus para si em meio de seus anos, quando com errada conta se promettesse mais anos; antes lhe veio a morte muito depois da vida, pois presumia acabar antecipadamente ao tempo em que lhe chegou a morte; porque se preparando muito dantes com repetidas confissões de toda a vida, como se tivera a certeza de a concluir nesse ponto, em uma noite lhe deu um desmaio, e acudindo os Monges com muita pressa, acharam já ter espirado aos 30 de janeiro de 1718, tendo de idade 75 anos e de hábito 28, sendo Dom Abade o Padre Frei Plácido Batista.



Carta de profissão religiosa de Frei Ricardo do Pilar, 1695.
Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fotografia: Carlo De Luca.

Necrológio de Frei Ricardo do Pilar

O quinquagésimo segundo foi o Irmão Donato Frei Ricardo do Pilar, natural de Colônia, nos Estados de Flandres (atual Alemanha). Este monge viveu nesta Casa muitos anos sendo secular, sempre recolhido, mortificado e penitente. Em prêmio dos seus muitos serviços lhe deram o hábito de Converso, e professou aos 24 de maio de 1695, sendo Dom Abade o Padre Mestre Doutor Frei João Monteiro. Nunca vestiu camisa; e o seu sustento nestes últimos anos não passava de uns mal guisados legumes, sustentando com a sua ração a um preso da Cadeia, com licença dos Prelados; e com a mesma distribuía os seus proventos pelos pobres, contentando-se com um velho e pobre hábito para lhe cobrir as carnes. Tinha muita docilidade de ânimo, clareza de entendimento, e possuía a língua latina. Era insigne pintor; e o primor da sua arte ainda hoje se representa à nossa vista nas imagens do altar da sacristia, teto da

capela-mor e suas paredes, e painel da portaria. Aos 12 de fevereiro de 1700, acabou este monge a penitente vida que fez nesta Casa pelo espaço de trinta anos que nela viveu, sendo Dom Abade o Padre Mestre Doutor Frei Gabriel do Desterro.

Necrológio de Frei Bernardo de São Bento Correa de Sousa

O quadragésimo oitavo monge falecido foi o Padre Frei Bernardo de São Bento, nascido em Portugal e professo nesta Casa. Chamou-se no século João Correia de Sousa, e nesta cidade viveu alguns anos no estado de casado, de cujo matrimônio teve dois filhos que foram o Nosso Padre ex Provincial e Doutor jubilado Frei José da Natividade, e o Padre Frei Frutuoso da Conceição. Depois de viúvo, tendo quarenta e quatro anos de idade, se recolheu a este Mosteiro e nele vestiu a cogula, em 22 de maio de 1668, sendo Provincial o Doutor Frei Francisco da Visitação, e Dom Abade o Nosso Padre Frei Antônio da Trindade. Logo que professou, ainda antes de ser sacerdote, o fizeram Mordomo, Procurador e Mestre de Obras; e nestes ofícios o conservaram toda a vida, não obstante os seus anos, as suas moléstias e o ser pesado do corpo por ser muito gordo. Este monge verdadeiramente foi o benfeitor desta Casa depois dos seus primeiros fundadores. Nenhum até agora trabalhou tanto como ele com mais zelo, com mais fidelidade e com mais inteligência. A sua grande capacidade atingiu a tudo; e a tudo acudiu com o maior desvelo. O menos que fez foram as excelentes obras da ladeira, o pátio, tribunas, capelas, forro da igreja e da capela-mor; deixando disposta a planta do Mosteiro clara e distinta para sua execução, a qual depois se perdeu e consumiu. Estabeleceu de novo uma casa e oficina de botica que, se conservando alguns anos, já não existe. O que mais se deve ao seu zelo, foi o cuidado que teve do Arquivo, reduzindo-o a melhor forma e clareza. Indagou e ajuntou todos os títulos do patrimônio; fez medições e demarcações; reivindicou algumas terras e chãos de que já não se sabia o seu princípio. Nada teria hoje o Mosteiro com clareza, se este Padre não deixasse escrito da sua letra um livro que serve de Índice do Cartório; e este foi o seu maior serviço. Já carregado de anos e merecimentos, foi acometido do mal da Bicha e de uma apoplexia, que o matou aos 27 de abril de 1693. Foi sepultado debaixo da pia que está na casa antes da Sacristia, sendo Dom Abade o Nosso Padre Mestre Doutor Frei Cristóvão da Luz.



Carta de profissão monástica de Frei Domingos de Santa Maria dos Anjos, 1711-1713.
Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fotografia: Carlo De Luca.



Carta de profissão monástica de Frei Estevão do Loreto Joassar, 1723.
Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. Fotografia: Carlo De Luca.

Necrológio de Frei Antônio de São Dâmaso

O quadragésimo foi Irmão Donato, Frei Antônio de São Dâmaso, natural da Ilha Terceira, nos Açores, e professo no Mosteiro da Bahia. Este monge, logo nos seus primeiros anos, deu sinais de sua muita virtude; porque, antes de se fazer notória a sua vida inculpável, e sendo conventual da Casa de Olinda, por uma suspeita mal fundada, meteram-no no lugar destinado a castigar os culpados, sendo aí visitado pela Rainha dos Anjos e pelo Patriarca São Domingos, de quem era particular devoto, conforme pública declaração de seu confessor. Neste Mosteiro serviu algum tempo com zelo, como também no engenho de Iguaçú e na fazenda de Campos. De volta a este Mosteiro, vivia em contínua oração e recolhimento, só se preocupando com as coisas celestiais. Apesar da avançada idade de cem anos, e do peso de uma grande funda de ferro, servia à Religião na portaria, no refeitório e nas funções de acólito. Quis ainda recolher um mendigo entrevado e velho, a fim de exercitar a sua caridade. Esperava suavemente a morte, tendo recebido os últimos Sacramentos com devoção e piedade. Faleceu no dia em que a Igreja festejava São Romualdo, aos 7 de fevereiro de 1683.

Necrológio de Frei Paulo da Conceição Ferreira Andrade

O centésimo sexagésimo sétimo monge falecido nesta casa, foi o Mui Reverendo Padre Pregador Frei Paulo da Conceição. Era natural desta cidade e de pais nobres e ricos. Neste Mosteiro tomou o nosso santo Hábito, sendo ainda pupilo, e foi noviciar ao Mosteiro da Bahia, aonde chegou no 1º de maio de 1748; sendo o Dom Abade o Nosso Reverendíssimo Padre Mestre Ex Provincial o Doutor Frei Mateus da Encarnação Pina, o Nosso Reverendíssimo Padre Pregador Frei Antônio da Luz. Feita a profissão, foi mandado para este Mosteiro, onde se ordenou, e ouviu o curso de artes, e teologia, que leu o Nosso Reverendíssimo Padre Doutor Frei Manuel de Sampaio. Tendo boa capacidade para as letras, não pode fazer nelas a aplicação, que convinha, por lhe sobrevir moléstia ao peito: assim mesmo completou o seu colégio, e fez atos de Pregador. Serviu quase 9 anos a ocupação de Procurador das casas com o seu costumado zelo, e atividade. Reduziu a melhor forma o arquivo deste Mosteiro, descobrindo

monumentos bem antigos, para o que tinha especial gênio, e fazendo-os legíveis com a sua boa letra. Compôs de novo, e com melhor método, o Dietario dos monges falecidos e governo dos Abades deste Mosteiro, e não obstante às suas continuadas enfermidades não perdia tempo em utilidade do Mosteiro. Em atenção aos seus merecimentos o elegeu a Congregação em Procurador Geral da Província neste Mosteiro, no ano de 1772, em cujo emprego ele se encarregou das causas do Mosteiro que tiveram então um grande adiantamento e algumas sentenças a favor, para efeito da sua diligência. Na Junta futura de 1777, foi eleito Definidor segundo e quando o fez acabar seus dias com todos os sacramentos, a 26 de março de 1778, não contando ainda cinquenta anos de idade, sendo a primeira vez Dom Abade Nosso Reverendíssimo Padre Ex Provincial Frei Lourenço da Expectação Valadares.

Necrológio de Frei Gaspar da Madre de Deus Teixeira de Azevedo

O centésimo nonagésimo terceiro foi o ínclito monge e insigne historiador Frei Gaspar da Madre de Deus Teixeira de Azevedo, natural da Vila de Santos, onde nasceu em 1715. Descendia de uma das mais nobres e afamadas famílias santistas, e das mais ricas do Brasil daquele tempo, sendo que muitos de seus membros tudo deixaram a fim de entrar em Religião ou passarem a pertencer ao clero secular. Em 1731, apresentou-se como postulante no Mosteiro da Bahia, onde seu tio, Frei João Batista da Cruz, era Abade. Contava então 17 anos de idade. Teve como companheiro de noviciado o festejado Frei Antônio de São Bernardo. Antes de completar seus estudos, foi transferido para o nosso Mosteiro. Bem logo se espalhou a fama não desmerecida de ser grande filósofo, teólogo e orador sacro. Com 28 anos, viu-se investido na cátedra de Teologia, que durante muito tempo regeu com brilho. Em 1749, em presença de Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, defendeu com aplausos tese de Filosofia e Teologia, a fim de obter o grau de Mestre em Teologia. Foi monge de extraordinário saber e piedade. Foi eleito pela Junta de Tibães, em 1763, Abade do Rio. “Foi o mais zeloso observante da sua Regra Monástica, e muito caritativo para com os pobres e necessitados, mormente os presos da Ilha das Cobras, aos quais, na segunda-feira de todas as semanas, fazia repartir proporcionalmente jantar,

com que os consolava em sua extrema situação. Com afincos se desvelava no Culto Divino, querendo que as funções sagradas se praticassem no maior asseio, pompa e decência, e com a melhor música. Fez rezar duas mil trezentas e doze Missas, só pela incerteza se teriam ou não sido satisfeitas. Deixou no Arquivo o começo da história cronológica dos documentos que respeitam à propriedade urbana e rústica” do Mosteiro. “Foi presente em todas as partes, dando as providências para se não desencaminharem os bens, como para os fazer rendosos e úteis, subministrando-lhes excelentes administradores nas coisas indispensáveis para fazer prosperar todos os ramos de indústria. Fez a casa de vivenda na Vargem, forneceu a fazenda de braços, abriu valas, pastos e caminhos, secou pântanos, obteve a comunicação entre a fazenda da Lagoa, que abastecia aos seus vizinhos. Aquela casa foi edificada de pedra e cal com janelas de cantaria. Deu também princípio à igreja, e deixou acabada a capela-mor e sacristia, e bem adornada, colocou no altar a Padroeira Nossa Senhora do Pilar, São Bento e Sant’Ana”. O Vice-Rei Conde da Cunha o tinha em grande apreço e, por esta razão, chegava a dizer às pessoas autorizadas, “que não dava o menor cuidado os Monges de São Bento ao seu Governo, parecendo não haver tal corporação”. Era ele primo do célebre genealogista Pedro Taques de Almeida Paes Leme. Teve também um irmão beneditino, Frei Miguel Arcanjo da Anunciação, Abade de Olinda e autor da Crônica do Mosteiro de São Bento de Olinda até 1763. Sua irmã, Madre Isabel Maria da Cruz, foi a primeira professa e Abadessa do Convento da Ajuda. Seu irmão, Padre João Batista de Azevedo, pertencia ao clero secular. O Capítulo de 1765 fez constar um voto de louvor ao Abade carioca, e por unanimidade de votos o escolheu para Provincial, cargo de que tomou posse no ano seguinte. “Tal a esperança que nele depositavam que acabado o seu triênio o escolheram para Abade do Mosteiro da Bahia, para restabelecer aquela Casa. Entretanto renunciou para viver retirado no Mosteiro de Santos, sua terra natal. Aí viveu nos trinta anos de vida que lhe restaram. Convidado a aceitar a mitra da Ilha da Madeira, honra máxima que o Rei podia fazer, tratando-se de um brasileiro, veio a recusá-la peremptoriamente. Dentre seus escritos, é de todos o mais célebre aquele que se intitula Memórias para a História da Capitania de São Vicente”. Faleceu em 1800, com 85 anos de idade e 74 de hábito.

Sonhos e visões noturnas na literatura bíblica e na hagiografia cristã

Na literatura bíblica, os hagiógrafos abordam três gêneros de manifestações mentais, mormente, ao longo das noites: os sonhos, propriamente ditos; as incubações, que eram as manifestações divinas aos fiéis que passavam a noite no templo à espera das mesmas; e finalmente, as visões, a exemplo do ocorrido com Jacó (Gn 28,10-22). Nesta publicação, a abordagem das reproduções imagéticas das hierofanias extrapola a Sagrada Escritura, estendendo-se temporalmente da redação bíblica ao século XII da era cristã.

Segundo John Mackenzie (1983, p. 897-898), *a crença de que os sonhos são instrumentos de comunicação divina* foi consideravelmente difundida no antigo Oriente Médio e, embora não havendo consenso entre os hagiógrafos, esse canal de comunicação entre Deus e os homens foi incorporado na literatura bíblica, sendo retomado em algumas perícopes e envolvendo diferentes personagens como Salomão, Daniel, Jó e Judas Macabeu. Diz o autor sagrado que o Senhor apareceu em sonho a Salomão, no início de seu reinado, estimulando-o a pedir-lhe o que quisesse. Salomão, por sua vez, respondeu-lhe pedindo apenas sabedoria para governar o povo. A resposta de Salomão agradou ao Senhor que lhe concedeu não apenas sabedoria, mas também, prudência, riqueza e fama (1Rs 3,5-15). A Daniel, o Senhor concedeu sabedoria para interpretar os sonhos de Nabucodonosor (Dn 2.3,31-4,34). Em sonhos, Jó é provado pelo Senhor (Jó 7,13-14). Em sonho, Judas recebe uma espada de ouro com a qual venceria o inimigo (2Mc 15,12s).

Retomando a teoria de que o sonho não tenha sido unanimemente aceito pelos hagiógrafos como canal de comunicação entre Deus e os homens, alguns autores da literatura veterotestamentária parecem mesmo refutá-la, como Jeremias (23,25s. 27,9-10.29,9); Deuteronômio (13,2-6) e Zacarias (10,2). Já na literatura neotestamentária, particularmente no Evangelho de São Mateus (1-2), segundo Mackenzie (1983, p. 898), os sonhos são retratados com intuito de enfatizar *a intervenção de Deus na história, mostrando as ações dos personagens principais como mais diretamente sujeitas à orientação divina, precisamente como se manifesta nos sonhos.*

No âmbito das artes visuais, como bem apresenta a historiadora portuguesa, Maria Ângela Beirante em seu livro intitulado *Imagens falantes: a história de José do Egito na Misericórdia de Cabeção* (2017), José do Egito é um dos personagens bíblicos mais retratados por diferentes técnicas como gravura, pintura, iluminura, vitral, azulejaria, tapeçaria e impressão, reproduzidas em diversos países. Na linha interpretativa da prefiguração messiânica, por vezes,

a figura de José do Egito é interpretada, simbolicamente, como imagem do Messias. Este é um fato relatado por Beirante ao narrar o caso do livro de *Horas de Nossa Senhora*, impresso em Paris, no ano de 1501, e publicado em Portugal no ano de 2010, em edição fac-símile, com estudo introdutório de João José Alves Dias, sob o título de *Rezar em português*. Nesta obra, o ciclo de José do Egito ocupa a *bordadura externa das páginas 30 a 40, dedicadas à Paixão de Cristo*, segundo o quarto Evangelho. O mesmo ocorre em dois outros livros de horas depositados na Biblioteca Nacional de Portugal. Além desses três livros, Beirante (2017, p. 119-125) menciona ainda um incunábulo, impresso em Paris, no ano de 1493, encontrado na mesma biblioteca portuguesa, onde os temas favoritos são: *o episódio da cisterna, a dor de Jacó e revelação de José aos irmãos*, prefigurando a autorrevelação de Cristo aos Apóstolos.

O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro também possui uma série intitulada *Passos da vida do Patriarca José desde que foi lançado por seus irmãos na cisterna de Dotain, até a morte de Jacó, seu pai (Estado de 1787-1789)*. Como se lê no documento, os sonhos de José não foram retratados nesta série de óleos que se encontra instalada na sacristia. O mesmo documento informa ainda que foram feitos *dez painéis*. Contudo, desde meados do século XX, apenas oito são mantidos naquele recinto.

O sonho na espiritualidade medieval

Como apresentado pela hagiografia em geral e pelo medievalista francês, Jean-Claude Schmitt (2007, p. 182, 197, 199) na sua obra, *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*, foi na virada do primeiro para o segundo milênio que a *relação entre visão e imagem material* se viu revalorizada e, desde então, as sagradas imagens vislumbradas nos sonhos passaram a ser materialmente reproduzidas. Contudo, continua Schmitt, *a relação entre imagem material e onírica não é simples*. O indivíduo podia sonhar com a imagem que viu, bem como podia, ao contrário, retratar ou mandar reproduzir materialmente, uma imagem semelhante àquela vista no sonho. Mais adiante, estruturalmente falando, o historiador francês acredita poder afirmar *que as funções dos sonhos e das visões permaneceram as mesmas* entre os séculos IX e XIV. Contudo, historicamente, tudo mudou: os tipos e o número das imagens, os temas devocionais, as circunstâncias dos sonhos e visões, mas sobretudo, *os grupos sociais responsáveis pela produção, difusão e recepção dessas imagens não pararam de crescer*. Com efeito, a era patrística, geralmente delimitada entre os séculos I e VII do calendário cristão, com suas definições teológicas, havia ficado para trás e durante a baixa Idade

Média, a tônica da espiritualidade cristã passou a recair sobre a vivência dos sacramentos e, mais particularmente, sobre a Eucaristia. Culminando, aliás, com a institucionalização da cerimônia de *Corpus Christi* no século XIII.

A vivência sacramental do segundo milênio retratada por Frei Ricardo do Pilar

Como salienta o geógrafo francês, Paul Claval (1999, p. 13), a cultura é dinâmica, transmitida de geração para geração, mas *não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança*, ela é reinterpretada e vivenciada em conformidade com o contexto de época. Frei Ricardo do Pilar, originariamente pintor dos painéis de óleo sobre madeira para a igreja Abacial de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro, entre os anos de 1666 e 1688, era natural de Colônia nos Estados de Flandres, atual Alemanha, região acentuadamente marcada pela espiritualidade beneditina. Por conseguinte, a pintura de Frei Ricardo do Pilar foi realizada a partir da herança espiritual recebida de seus conterrâneos. Contudo, entre a obra de Frei Ricardo do Pilar, cultuada entre o final do século XVII e XIX, constata-se uma ruptura entre a comunidade monástica daquele período e a nova comunidade estabelecida a partir de 1903. Frei João das Mercês Ramos era o único remanescente da antiga comunidade por ocasião do estabelecimento da nova. Devido a não aceitação da nova comunidade, por parte do Abade Ramos, não houve propriamente a transmissão cultural da antiga para a nova comunidade. Pois, como disse Michael Scherer (1977), antes que a nova comunidade assumisse o controle do Mosteiro, o Abade Ramos, em vez de fazer a transmissão do legado, preferiu evadir-se.

Comparando as hagiografias reproduzidas pictoricamente nos painéis à literatura hagiográfica, não obstante a certa liberdade criativa do pintor, é possível perceber tratar-se de espiritualidade monástica medieval ali representada. Como afirma o beneditino Mateus Ramalho Rocha (1991, p. 87), em meados do século XX, como as representações hagiográficas não eram, de todo, reconhecidas pela nova comunidade e, Dom Clemente da Silva-Nigra, auxiliado pelo seu conterrâneo, Dom Wilibrordo Biedermann, procurou identificar as hierofanias retratadas nos painéis. Nessa empreitada, os dois confrades germânicos procuraram seguir *pari passu* o *Calendarium annale benedictinum per menses et dies Sanctis ejusdem Ordinis*, escrito por Dom Egídio Ranbeck (1677), outro monge beneditino e germânico, igualmente ao pintor e aos dois interessados na identificação das hagiografias. Desse modo, as pinturas foram identificadas como sagradas manifestações da Virgem Maria às Santas Mectildes e Gertrudes,

ambas de Helfta; ao venerável Ruperto de Deutz, aos Beatos Jócio de Liège e Walter de Bierbeck, aos Santos Anselmo de Cantuária, Ildefonso de Toledo, Romualdo camaldulense, Meinrado de Reichenau, Aiberto de Valambrosa, Domingos de Silos, Roberto de Molesmes e Bernardo de Claraval, sendo este duplamente representado no conjunto pictórico.

Aparição da Virgem Maria a Santo Ildefonso de Toledo entregando-lhe uma casula



Fotografia: Rogério Reis.

Santo Ildefonso (607-667) foi monge visigótico, Abade do Mosteiro dos Santos Cosme e Damião, em Toledo, e finalmente, Arcebispo de Toledo, Espanha. Foi devoto de Nossa Senhora da Conceição, escreveu sobre *A perpétua virgindade de Maria* e propagou a festa da Expectação da mesma sempre Virgem Maria, celebrada a 18 de dezembro. Para alguns hagiógrafos, numa das celebrações dessa festa, durante o Ofício de Matinas, Nossa Senhora apareceu-lhe e entregou-lhe uma casula. Para outros, este evento sagrado teria ocorrido na festa da Assunção, quando se preparava para dizer a Missa. A

pintura retrata a Rainha do Céu acompanhada por algumas Santas Virgens e Mártires, dentre as quais, Santa Catarina de Alexandria e Santa Luzia, identificadas pela roda e pelo prato com os olhos, respectivamente atributos iconográficos de uma e de outra. Equivocadamente Dom Clemente da Silva-Nigra refere-se a Santo Ildefonso como sendo Bispo de Sevilha. A memória litúrgica de Santo Ildefonso é celebrada a 23 de janeiro.

Aparição de Nossa Senhora a Santo Anselmo



Fotografia: Rogério Reis.

Santo Anselmo nasceu no ano de 1033, em Aosta, no Piemonte, Itália. Em 1060 ingressou na Ordem beneditina e no ano de 1078 tornou-se Abade do Mosteiro de Nossa Senhora de Bec, França. Em 1093 passou a ocupar a sede Arquiepiscopal de Cantuária, Inglaterra, promovendo a liberdade daquela Igreja e a união com Roma, em conformidade com a reforma promovida pelo Papa Gregório VII. Pela sua atividade científica, recebeu o título de Pai da Escolástica. Sua obra *Meditações e orações* contém preces rítmicas dirigidas

à Maria. Ainda referindo-se à mesma Senhora, escreveu sobre *A concepção da Santa Virgem e do pecado original*. Faleceu aos 21 de abril de 1109. Em 1720, foi incluído no rol dos Doutores da Igreja. Na pintura, tanto a mão direita da Virgem como a do Menino Jesus apontam para faixa sustentada por dois anjos e com a inscrição *Sapientia et Scientia datæ sunt tibi – Sabedoria e Ciência te foram dadas*. A memória litúrgica de Santo Anselmo é celebrada no dia 21 de abril.

Aparição da Virgem Maria e São João Evangelista a Ruperto de Deutz



Fotografia: Rogério Reis.

Ruperto nasceu na década de 1070, em Liège, atual Bélgica, nas proximidades do Mosteiro de São Lourenço. Foi Abade do Mosteiro de Santo Heriberto, em Deutz, distrito de Colônia, Alemanha. Foi teólogo sutil, eloquente de considerável erudição, místico e exegeta. Na juventude, sofreu as consequências da separação entre as Igrejas de Roma e Constantinopla, ocorrida em 1054. Acrescido a isso, as dificuldades peculiares da juventude o conduziram a um estado depressivo, que foi vencido graças a uma série de visões e experiências místicas. Por não querer ser ordenado por um Bispo

indigno, somente aos 33 anos de idade aceitou receber o sacramento da Ordem. Entre 1110 e 1129 produziu monumental obra literária, cujas dimensões eram sem precedência no Ocidente, desde Santo Agostinho. Vários de seus escritos foram alvo de controvérsias, incluindo entre eles, textos sobre a Eucaristia, a predestinação e a situação dos monges sacerdotes. Escreveu um vasto comentário ao Evangelho de São João. Contudo, sua primeira grande obra exegética foi um comentário sobre o livro do Apocalipse. De maneira sistemática e coerentemente, foi o primeiro a reconhecer a prefiguração da Virgem Maria na simbólica Noiva do Cântico dos Cânticos. Segundo a tradição, após uma aparição de Nossa Senhora e São João Evangelista, Ruperto prometeu escrever um livro em reconhecimento à mesma Virgem. O que de fato fez escrevendo *In Canticum Canticorum de Incarnatione Domini comentarium*. Faleceu em 1129. Não foi canonizado, não é Doutor da Igreja, como apresenta Dom Clemente da Silva-Nigra, nem beato, como diz Dom Mateus Ramalho Rocha.

Nossa Senhora ministrando a Eucaristia a Santo Aiberto



Fotografia: Rogério Reis.

Santo Aiberto (1060-1140), após ter vivido 25 anos como monge no Mosteiro de Vallombrosa, Itália, retirou-se para uma ermida, alimentando-se apenas de ervas não cozidas. Um dia completamente exausto pelo jejum pôs-se a rezar dizendo: *Ó Mãe de Misericórdia, esperança e âncora do desfalecido Aiberto, dai-me uma côdea de pão, ó Virgem, pois morro de fome.* Então, apareceu-lhe a Mãe de Deus, dizendo-lhe: *Não sabes que está escrito, nem só de pão vive o homem? Tem confiança, pois meu Filho, o Verbo do Pai Eterno, te alimentará.* Em seguida, rodeada de anjos, ministrou-lhe a Eucaristia. A hagiografia apresenta um Santo Aiberto que viveu no Mosteiro de Crespin, França. Contudo, não foi possível descobrir se se trata do mesmo Santo. A memória litúrgica de Santo Aiberto é celebrada no dia 07 de abril.

Nossa Senhora incentivando São Bernardo a pregar a segunda Cruzada



Fotografia: Rogério Reis.

São Bernardo, Doutor da Igreja, nasceu por volta de 1090, nas proximidades de Dijon, França. Em 1112, ingressou no recém fundado Mosteiro de Citeaux, que se tornaria o berço da Ordem cisterciense. Eleito Abade em 1115, fundou a Abadia de Claraval. Foi convocado pelo Papa Eugênio III a pregar a segunda Cruzada, conseguindo a adesão de todos os

países europeus, e até de alguns do próprio Oriente. Escreveu sobre a vida mística e a terna devoção à Virgem Mãe de Deus. Faleceu aos 20 de agosto de 1153. A memória litúrgica de São Bernardo é celebrada no dia 20 de agosto.

Lactação de São Bernardo de Claraval



Fotografia: Rogério Reis.

São Bernardo de Claraval, já apresentado acima, é duplamente representado no conjunto pictórico da igreja Abacial do Mosteiro de São Bento. A tradição diz que, num momento que este segundo fundador da Ordem Cisterciense ardia em febre, a Santíssima Virgem lhe teria aparecido e deitado um jato de leite em seus lábios, curando-o da enfermidade. Este é um tema recorrente na pintura europeia e foi retratado por diversos artistas. Simbolicamente, representa a intimidade espiritual entre São Bernardo e a Santíssima Virgem Maria. Na pintura, São Bernardo está vestido com a cogula branca, da tradição cisterciense.

Aparição de Nossa Senhora ao Beato Walter de Bierbeek em sua agonia



Fotografia: Rogério Reis.

O Beato Walter de Bierbeek, em sua juventude, ingressou na carreira militar, mantendo, porém, sua devoção à Virgem Mãe de Deus, a quem se tinha consagrado desde a infância. Desde cedo, começou a decorar orações, poesias e cânticos marianos, com o propósito de se tornar trovador da Santíssima Virgem. Em certa ocasião, assistindo à Santa Missa, e passando a hora determinada a que deveria comparecer a um torneio, a própria Virgem assumiu o seu lugar e conquistou-lhe a vitória. Então, Walter decidiu por tornar-se monge e ingressou no Mosteiro cisterciense de Himmerod, nas proximidades de Colônia, Alemanha. Ali foi hospedeiro e exerceu intensa caridade para com os pobres. Faleceu aos 22 de janeiro de 1206, por ocasião de uma visita à Abadia de Villers, França, agraciado com uma aparição da Santíssima Virgem. Seu nome não consta no Martirológio Romano. Está inscrito no Menológio Cisterciense, sendo sua memória litúrgica no dia 22 de janeiro.

Aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Silos em sua agonia



Fotografia: Rogério Reis.

São Domingos de Silos nasceu na Província de Navarra, Espanha. Sua biografia foi escrita pelo seu discípulo Crimaldo de Silos, que assistiu a hierofania mariana em sua agonia. Depois de uma experiência eremítica, já sendo sacerdote, ingressou no Mosteiro de Santo Emiliano. No ano de 1041, transferiu-se para o Mosteiro de São Sebastião de Silos, que hoje o tem por padroeiro, e ali serviu por 30 anos na condição de Abade. No dia 18 de dezembro de 1073, na comemoração da Expectação da Santíssima Virgem, este reformador dos mosteiros beneditinos da Espanha, prostrado no leito de morte, chamou a comunidade e contou-lhe que havia passado toda a madrugada com o Rei, Nosso Senhor, e a Rainha, Virgem Santíssima, que lhe convidaram para em três dias, feliz e alegre, entrar no seu sagrado convívio. Anos antes, São Domingos já havia vivenciado uma hierofania angélica, na qual anjos lhe apresentavam três coroas: duas de ouro e uma coberta de pedras preciosas. A primeira fora-lhe oferecida como prêmio de sua renúncia ao mundo e obediência; a segunda, pela restauração do Mosteiro de Santa Maria de Canas, em Navarra,

em consideração à sua devoção à Santíssima Virgem e por sua castidade; e, finalmente, a terceira, pela reforma da Abadia de Silos e pelo grande número de monges que atraía ao serviço de Deus. Na hora de sua morte, repetiu-se a mesma hierofania e foi presenciada por diversos de seus discípulos. A memória litúrgica de São Domingos de Silos é celebrada no dia 20 de dezembro.

Esponsais de São Roberto de Molesmes



Fotografia: Rogério Reis.

São Roberto de Molesmes (1028-1110) foi Abade do Mosteiro beneditino de Molesmes e é um dos fundadores da Ordem Cisterciense que, desde o início, tem seus mosteiros consagrados à Virgem Maria. Segundo a tradição, quando Emengarda, mãe de Roberto, estava grávida, a Santíssima Virgem Maria apareceu-lhe em sonho, trazendo na mão um anel de ouro e disse-lhe: *Emengarda, quero que o filho que trazes no ventre, por este anel me despose*. Dita essas palavras, a Virgem desapareceu, deixando a gestante adormecida. Este episódio foi reinterpretado pelo pintor que preferiu retratar a Virgem colocando o anel diretamente na mão de Roberto. No Calendário próprio da Confederação Beneditina, a memória litúrgica de São Roberto de Molesmes é celebrada no

dia 26 de janeiro, juntamente com os outros dois fundadores de Cister, Santo Alberico e Santo Estevão Harding.

O sonho de São Romualdo



Fotografia: Rogério Reis.

São Romualdo nasceu em Ravena, Itália, por volta de 907. Aos vinte anos de idade, presenciou seu pai assassinando um familiar. Este fato causou-lhe grande terror e, por isso, decidiu retirar-se do mundo, ingressando, então, no Mosteiro de Classe, próximo a Ravena. Dedicou-se à reforma da disciplina monástica e fundou o Mosteiro de Camaldoli. Numa de suas viagens, dormindo ao relento, à semelhança de Jacó, em sonho, avistou uma escada que tocava o céu, pela qual subiam e desciam anjos revestidos de túnicas brancas. Por isso, decidiu trocar a cor preta do hábito beneditino pelo branco que, ainda hoje, segue sendo a cor tradicional do hábito camaldulense. Segundo a tradição, faleceu contando 120 anos de idade, aos 19 de junho de 1027. Na pintura, retrata a Virgem Maria sustentando a escada na extremidade superior. No Calendário da Igreja Universal, a memória litúrgica de São Romualdo é celebrada no dia 19 de junho.

Aparição de Nossa Senhora a São Meinrado



Fotografia: Rogério Reis.

São Meinrado, com o propósito de levar vida solitária na floresta, em 875 ingressou no Mosteiro da Ilha de Reichenau, no Lago de Constança, Suíça, onde hoje se encontra a Abadia de Eisedeln. Segundo a tradição, a capela em que São Meinrado celebrava a missa diária, foi consagrada pelo próprio Cristo, em honra de sua Santíssima Mãe, na presença de um coro de anjélico, na vigília do dia 14 de setembro do ano 948. Este evento tornou-se conhecido como Consagração dos Anjos e foi reconhecido pelo Papa Leão VIII, aos 10 de novembro do ano 964. Segundo o Martirologio Romano, a memória litúrgica de São Meinrado é celebrada no dia 21 de janeiro.

A morte do Beato Jório



Fotografia: Rogério Reis.

O Beato Jório foi monge do Mosteiro de Saint-Bertin, Liège, atual Bélgica. Em honra da Santíssima Virgem, costumava, simbolicamente, tecer um ramallete espiritual composto por cinco rosas colhidas nas Sagradas Escrituras, cujas iniciais formavam um acróstico com o nome da Santíssima Virgem. Segundo a tradição, logo após o seu falecimento, ocorrido aos 30 de novembro de 1163, de sua cabeça brotaram cinco rosas: uma da boca, duas dos olhos e duas dos ouvidos, cada qual ornada com uma letra do nome de Maria.

Magnifica Lc 1,46-55
Ad Dominum cum tribularer clamavi, et exaudivit me (Ps 119, 1).
Retribue servo tuo, vivifica me, et custodiam sermones tuos (Ps 118,17).
In convertendo Dominus captivitatem Sion, facti sumus sicut consolati (Ps 125,1).
Ad te levavi oculos meos, qui habitas in caelis (Ps 122,1).

A morte de Santa Mectildes



Fotografia: Rogério Reis.

Santa Mectildes de Hackeborn (1241-1298) ingressou na Abadia de Helfta, Alemanha, aos sete anos de idade, onde sua irmã mais velha, Gertrudes de Hackeborn (1232-1292) foi Abadessa. Já se encontrava no Mosteiro quando ali ingressou Santa Gertrude Magna, a quem coube educar, desenvolvendo, logo, profunda amizade entre ambas. Distinguiu-se pela humildade, inocência e amabilidade, tornando-se valiosa conselheira tanto para as monjas como para os fiéis que acorriam ao Mosteiro. Por ser possuidora de dotes intelectuais e artísticos, esteve à frente da formação e da Schola Cantorum do Mosteiro. Devido à sua boa voz e o fervor no canto, foi cognominada Rouxinol de Cristo. Para Mectildes, o louvor de Deus era a ocupação primária de sua vida e a maior expressão de sua existência. Sua alma vibrava religiosamente na recitação ou no canto do Ofício divino. As palavras fluíam docemente de seus lábios e, frequentemente, entrava em êxtase durante às celebrações litúrgicas, para as quais convergiam todo seu recolhimento, devoção e piedade, sendo-

lhe retribuído à maneira de luzes para sua contemplação e ardente amor divino. Padeceu atrozes enfermidades. Nunca foi canonizada, mas venerada como Santa em vários mosteiros beneditinos e cistercienses. Os escritos de seu próprio punho resumem-se em algumas cartas. Contudo, a partir de 1291, por determinação da Abadessa Sofia de Querfurt, ocasionais relatos de suas experiências místicas passaram a ser escritos por Gertrudes Magna e outra de suas discípulas. Quando soube que suas visões estavam sendo escritas, ficou confusa, mas o Senhor lhe assegurou que muitas graças seriam concedidas a quantos lessem aquelas palavras, as quais ela mesma optou por não revisar. No centro de sua espiritualidade está o Coração de Jesus. O *Livro da Graça especial*, escrito por suas discípulas a partir de suas visões, respalda as doutrinas marianas da Imaculada Conceição, da maternidade divina de Maria e sua concepção virginal de Jesus. Foi quem iniciou a devoção de rezar diariamente três Ave-Marias, pedindo especial proteção de Nossa Senhora. Na pintura, Santa Mectildes é retratada sendo elevada ao céu pelos braços da Santíssima Virgem e de São João Batista, seu especial padroeiro. No Calendário próprio da Confederação Beneditina, sua memória litúrgica é celebrada no dia 20 de novembro.

A morte de Santa Gertrudes Magna



Fotografia: Rogério Reis.

Santa Gertrudes Magna (1256-1302), sendo órfã, aos cinco anos de idade foi entregue à educação no Mosteiro de Helfta, Saxônia, Alemanha. Sua obra literária contribuiu, de maneira particular para a difusão do culto ao Sagrado Coração de Jesus. Numa visão, contemplou sua própria morte, sendo conduzida ao céu por Jesus e Maria. O relato desta visão encontra-se na obra *O legado da piedade divina – Revelações* (Livro V, capítulo 32). Nesta sagrada manifestação, parecia a Gertrudes pousar-se no peito do Senhor, apoiada sobre seu braço esquerdo e com a face voltada para o divino coração. Pede, então a presença de Maria e seu pedido é atendido. Nos dez últimos anos de vida, padeceu dolorosa enfermidade. Nesta pintura, como em outras apresentadas anteriormente, nota-se a liberdade do pintor que opta por fazer algumas alterações na transposição da narrativa literária para a narrativa pictórica. Segundo o Calendário da Igreja Universal, a memória de Santa Gertrudes é celebrada no dia 16 de novembro.

A vivência espiritual vinculada aos sacramentos

Por ser o batismo o primeiro dos sete sacramentos e dele dependerem os fiéis para a recepção dos demais, é, por isso mesmo, denominado *porta para os demais sacramentos*. O teólogo jesuíta, Charles André Bernard (1999, p. 90-91) define os sete sacramentos como instrumentos que conferem a graça de Cristo e veículo por meio do qual a participação da vida divina chega até os fiéis. Em se tratando de vida beneditina, a consagração monacal é a via escolhida por aqueles que fogem do mundo para viverem mais intensamente as suas promessas batismais. A partir disso, é possível perceber a vinculação dos sacramentos e a vivência espiritual retratadas nas quatorze pinturas alusivas a hierofanias que acima foram apresentadas.

Em maior ou menor escala, todas elas estão vinculadas à vida sacramental. Dentre as mais diretamente ligadas aos sacramentos estão: Santo Ildefonso e São Meinrado, relacionadas ao sacramento da Ordem, fonte da qual brotam os demais; Santo Aiberto, à Eucaristia; São Roberto de Molesme, ao Matrimônio. Por um aspecto mais simbólico, as cenas narrativas da cura de São Bernardo, as Mortes de Santa Mectildes, Santa Gertrudes Magna, São Domingos de Silos e do Beato Walter de Bierbeek podem ser vistas sob a ótica do sacramento da Unção dos enfermos em sua dupla funcionalidade: a de reestabelecer a saúde corporal dos fiéis, tendo em vista prolongar suas vidas sobre a terra, e a de reestabelecer a saúde da alma facilitando seu retorno à Casa do Pai. Santo Anselmo e Ruperto de Deutz, por sua vez, podem ser vistos pelo prisma do sacramento da Confirmação pelo dom de interpretar as Sagradas Escrituras

a partir da unção infundida pelo Espírito Santo. Além de todos os aspectos sacramentais anteriormente abordados estarem vinculados ao Batismo como *porta para os demais sacramentos*, três outras cenas hierofânicas do conjunto em questão, podem ser vistas ainda mais vinculadas a este sacramento que faz dos homens terrenos, concidadãos do céu. A pintura que retrata São Bernardo sendo encarregado de pregar a segunda Cruzada, pode expressar o múnus profético recebido no batismo; a escada de São Romualdo, pela qual os monges sobem ao céu, representam o ingresso na Pátria definitiva pela adoção filial adquirida na fonte batismal; e, finalmente, as rosas que brotam do rosto de Jócio podem aludir as palavras de Cristo ao bom ladrão: ainda hoje estará comigo no Paraíso (Lc 23,42-43), prefigurado no jardim do Éden. De maneira mais indireta, o sacramento da Penitência pode ser visto na presença de Maria como a Mãe de Misericórdia invocada unanimemente pelos coros das diferentes denominações monásticas unidas pela *Regra de São Bento*.

Desde a publicação de Dom Clemente da Silva-Nigra, em 1950, até a primeira década do século XXI, a identificação proposta pelos dois beneditinos alemães professos no Brasil, pareceu unanimemente aceita. Contudo, a partir de 2014, a identificação da pintura que retrata a Santíssima Virgem ministrando a Eucaristia a um monge identificado como Santo Aiberto, vem suscitando disparidade de interpretação, pois outros há que preferem ver a pessoa de São Silvestre Gozzolini sendo ali retratada.

Santo Aiberto ou São Silvestre: a devoção eucarística retratada num painel beneditino

Como narra o Padre Quevedo (2000) em seu livro intitulado *Os milagres e a ciência*, o milagre ocorrido, por volta do século VIII, em Lanciano, Itália, é um episódio que assinala o início da devoção eucarística. Desde então, as manifestações relacionadas à Eucaristia passaram a se multiplicar através de reações físicas de hóstias consagradas, sonhos e visões até que, no século XIII, resultaram na oficialização do culto eucarístico sob a denominação de *Corpus et Sanguinis Christi*.

Segundo o beneditino alemão, Egídio Ranbeck (1677, II, p. 73), Santo Aiberto, que fora monge beneditino do ramo valambrosano, certa vez, extenuado pelo jejum, orou à Virgem Maria pedindo-lhe um pedaço de pão. Apareceu-lhe, então a Santíssima Virgem exortando-o a continuar confiando no seu divino Filho e, em seguida, rodeada de anjos, ministrou-lhe a Eucaristia.

Episódio semelhante ao ocorrido com Santo Aiberto, no século XII, no século seguinte, haveria de acontecer também com São Silvestre Gozzolini,

fundador dos silvestrinos, outro ramo da árvore beneditina. Lorenzo Sena, em seu artigo *San Silvestro comunicato della Madonna*, se vale da biografia escrita André Giacomino de Fabriano, que narra a comunhão mística de São Silvestre, ministrada pelas mãos da Virgem Maria. O artigo é ilustrado com pinturas de quatro artistas que retrataram a mesma hierofania: Claudio Ridolfi, 1632, cuja pintura encontra-se exposta no Mosteiro de São Silvestre de Montefano Fabriano, Itália; Cristoforo Roncalli, conhecido como Pomarancio, cerca do ano 1620, no Museu Cívico de Osimo, Itália; Frei Ricardo do Pilar, entre 1670 e 1673, no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil; e, finalmente, Alessandro Chiorri, nos primeiros anos do século XX, exposta na Capela do Mosteiro de São Bento, Adisham, Sri Lanka. A santidade de Silvestre Gozzolini foi oficialmente reconhecida, em 1617, pelo Papa Paulo V, através da bula *Santorum virorum*, que recordando a hierofania da Santíssima Virgem ministrando a Eucaristia ao fundador, acabou influenciando na tipologia iconográfica do Santo Fundador (Sena, 2019, p. 183-184).

Elementos comuns entre Santo Aiberto e São Silvestre Gozzolini

A diferença cronológica entre Santo Aiberto e São Silvestre Gozzolini é de aproximadamente meio século de intervalo entre a existência de um e de outro, ao longo dos séculos XII e XIII, estando ambos inseridos no contexto da adoração eucarística e vivendo na mesma península itálica. Um e outro foram seguidores da *Regra de São Bento* e passaram pela experiência eremítica, considerado o grau máximo de perfeição pelo Pai dos monges Ocidentais. O ideal ascético vivido por ambos os aproximou da humanidade sofredora de Cristo, espiritualidade em ascensão naquela época. Ambos viveram no contexto do expansionismo da devoção mariana. Ambos invocavam à Virgem como Mãe de Misericórdia.

Há de considerar-se que a pintura em questão está inserida num contexto em que não raramente ocorria a mudança de orago ou de invocação hagiográfica, como aconteceu com a própria titular da igreja Abacial que, em 1602, passou de Nossa Senhora da Conceição à Nossa Senhora de Monserrate, sendo ambas, iconograficamente, retratadas de maneira distinta. Com muito mais razão, a esta altura, há de considerar-se a possibilidade de a mesma pintura representar duas hierofanias distintas, porém tratando do mesmo tema que é a Eucaristia sendo ministrada pela Virgem Maria. Portanto, ainda que o pintor tenha pretendido retratar um determinado Santo, mais cultuado na ocasião em que a pintura fora realizada, nada impede o incremento de outra devoção a partir da mesma reprodução iconográfica.

Técnicas e formas a serviço da comunhão dos santos

Ao longo da Idade Média, frequentemente, os coros monásticos foram comparados aos coros angélicos e os mosteiros à Jerusalém celeste. Com efeito, valendo-se do Salmo 137, a *Regra de São Bento*, ao falar da maneira de salmodiar, no capítulo 19, recorda o salmista que promete cantar louvando a Deus na presença dos anjos. Assim, no espaço sagrado em questão, analogamente, as vozes dos monges se unem às dos anjos e dos seus antepassados representados pelas pinturas e esculturas.

As sagradas pinturas, pela sua maior delicadeza, refletem a alma humana elevada aos céus entre homens carnis e esculturas divinais. Pelo vitral, o recinto é inundado com a luz que, à semelhança do Paráclito, vem do alto. Da nave, a multidão se une aos monges como interminável procissão das gerações que se sucedem, imagem da Igreja padecente se unindo à Igreja triunfante. Figuras angélicas e fitomorfas aludem a fusão do paraíso terrenal em Paraíso celestial. Do alto entronada, com seu Filho ao colo, a Mãe de Misericórdia, Rainha dos monges e de todos os cristãos, assistida pela dupla de honra, São Bento e Santa Escolástica, gêmeos na carne e não menos na alma, a todos se unem louvando a Trindade.

Referências

- A *REGRA de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, [Século VI] 2003.
- BEIRANTE, Maria Ângela. *Imagens falantes: a história de José do Egito na Misericórdia de Cabeção*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa e Santa Casa da Misericórdia de Cabeção, 2017.
- BERNARD, Charles André. *Introdução à Teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, [1994] 1999.
- BÍBLIA do peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1983] 1997.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, [1995] 1999.
- DIETARIO do Mosteiro de Nossa S. do Monserrate do Rio de Janeiro da Ordem de São Bento*. Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Manuscrito recompilado, 1773.

ESTADO do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro 1787-1789 – Abade Frei José de Jesus Maria Campos. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

LIMA, Alceu Amoroso. *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

MACKENZIE, John. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

NECROLÓGIO – Frei Ricardo do Pilar. Arquivo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

QUEVEDO, Oscar. *Os milagres e a ciência*. São Paulo: Loyola, [1998] 2000.

RANBECK, Egídio. *Calendarium annale benedictinum per menses et dies Sanctis ejusdem Ordinis*. Augsburg: R. R. P. Amando, 1677, 4 volumes.

ROCHA, Mateus Ramalho. *Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro 1590/1990*. Rio de Janeiro: Studio HMF, 1991.

SCHERER, Michael Emílio. *Frei Domingos da Transfiguração Machado*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, [1965] 1977.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru: Edusc, 2007.

SENA, Lorenzo. San Silvestro: comunicato della Madona in *Inter fratres: monaci benedettini Silvestrini*. Fabriano: Stampa, 2019, Volume 69 (2), Luglio-Dicembre, p. 182-200.

SILVA-NIGRA, Clemente. *Construtores e artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*. Salvador: Tipografia Beneditina, 1950.

Artigo recebido em 20/08/2024 e aprovado para publicação em 11/09/2024

Como citar:

FRAGOSO, Mauro Maia. Sonhos e visões na hagiografia monástica e os painéis da Igreja do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 46, p. 237-269, jul./dez. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i46-2024-6>